

Gotas de inspiração

Depois de cinco anos, Chico Buarque lança um disco que reflete sua crise criativa

Celso Masson e Virginie Leite

Chico Buarque de Hollanda está em crise criativa. Sempre prolífico, o compositor era capaz de lançar no passado um disco por ano, ainda encontrando tempo para musicar filmes e espetáculos e escrever textos como a peça *Roda-Viva* e a novela *Fazenda Modelo*. Aos 54 anos de idade, a fonte que jorrava aos borbotões começou a funcionar em ritmo de conta-gotas. Só agora, depois de cinco anos sem apresentar um trabalho novo, o compositor coloca nas lojas um CD com músicas inéditas, *As Cidades*. O disco traz apenas três canções dignas do enorme talento de Chico Buarque, e uma delas é a regravação de uma música pouco conhecida da *Ópera do Malandro* (veja quadro). São pingos de inspiração, e mesmo assim vertidos com dificuldade. "Fazer o novo disco foi um processo angustiante", define a cantora Miúcha, irmã de Chico. "Hoje, a cada canção, correspondem muitas notas e palavras jogadas no lixo", reconhece o próprio compositor, na entrevista gravada distribuída à imprensa junto com o disco.

Os amigos do músico atribuem as dificuldades de Chico a dois fatores. O primeiro é o tempo gasto tentando empinar uma carreira literária. O segundo, a autocritica gerada por uma expectativa cada vez maior do público. "Esse disco foi muito penoso para ele, que está cada vez mais exigente com o próprio trabalho", acredita o jornalista e escritor Eric Nepomuceno, que convive com Chico há 33 anos. Para além da exigência e da literatura, é inegável que a criatividade do compositor anda meio travada. Contratado por um pool de jornais diários para escrever crônicas sobre a Copa do Mundo da França, Chico Buarque levou seu violão para Paris, onde tem um apartamento. Tinha a esperança de encontrar um tempinho entre os jogos

para terminar as duas músicas que faltavam para o disco. Nem sequer tocou no instrumento. O compositor, que costuma ser generoso com as encomendas para musicar filmes e espetáculos, falhou recentemente ao tentar cumprir um pedido feito pelo diretor de cinema Luiz Carlos Lacerda. Depois de aceitar a incumbência de escrever a canção-tema do filme *For All*, desistiu por falta de inspiração. Como já havia investido na música, aproveitou o mote em uma das três faixas boas do novo disco, *Iracema Voou* — confirmando que o artista, como ele próprio gosta de dizer, cria melhor sob pressão.

TASSO MARCELO/AG



Chico Buarque sempre teve uma relação de ansiedade com sua profissão. Tímido até a medula, tem uma notória dificuldade para fazer shows. Até algum tempo atrás, driblava esse percalço sorvendo doses de uísque no camarim. Para tentar curar-se desse problema, fez psicanálise durante seis anos. Além de sua ansiedade natural, ele passou recentemente por um episódio doloroso: o fim do casamento de trinta anos com a atriz Marieta Severo. Depois de um período conturbado, em que pipocaram fofocas sobre supostos romances extraconjugais seus, Chico ficou amigo da ex-mulher. Ele continua freqüentando a casa de Marieta, no bairro carioca da Gávea, onde o casal morou por mais de duas décadas. Meses atrás, seu apartamento ficou sem água durante três dias. Nesse período, ia diariamente à casa da ex para tomar banho. Foi Marieta quem escolheu o apartamento onde o compositor mora atualmente, no Jardim Botânico. Frequentemente os dois são vistos juntos em restaurantes. "Eles saem mais hoje em dia do que na época em que eram casados", confidencia um amigo. "A Marieta ainda é a grande musa de suas canções", aposta o compositor Vinícius Cantuária, que convivia diariamente com Chico antes de se mudar para Nova York e ainda hoje mantém contato regular com o parceiro.

CD tem três músicas boas

A boa música popular é lirismo, crônica e diversão. Serve para seduzir mulheres, falar da vida cotidiana de um país e dançar. Noventa e nove por cento do que fizeram Cole Porter, Mick Jagger ou Alvarenga e Ranchinho vai nessa direção. Curiosamente, de Chico Buarque exige-se mais. Espera-se que ele faça poesia, política e filosofia. Quem ouvir o novo CD do cantor, *As Cidades*, ávido por coisas do gênero irá decepcionar-se.

Não é culpa de Chico, que não é poeta nem filósofo, é cantor e compositor. O ouvinte que tiver esse metro na cabeça encontrará em *As Cidades* algumas letras interessantes.

Iracema Voou faz a crônica de um personagem que vem proliferando no Brasil recente: o que emigra para os Estados Unidos em busca de trabalho. *Aquela Mulher*, regravação de uma música pouco conhecida, segue a tradição bem brasileira da “canção cara-de-pau”, inaugurada por Ataufo Alves em *Ai que Saudades da Amélia*, na qual um homem elogia as virtudes da ex-mulher para a atual. Chico, por sua vez, fala, com deliciosa crueldade, de um sujeito que roubou a namorada do amigo e ainda tripudia. *Você, Você* quase é estragada pelo pomposo subtítulo de



Depois da separação, Chico nunca mais foi visto com outra mulher que não fosse Marieta. Se tem namorada nova não a leva a lugares públicos. Seus amigos mais chegados, e os garçons dos bares e restaurantes que frequentam, dizem não saber se há uma substituta para a atriz na vida do artista. Em contrapartida, o compositor sai freqüentemente com sua turma de amigos, da qual fazem parte os cineastas Ruy Solberg e Miguel Farias, o compositor Carlinhos Vergueiro e Vinicius França, produtor de seus discos. Eles costumam frequentar os restaurantes Osteria dell'Angolo, Amarcord e Don Camillo, no Rio de Janeiro, já que Chico é um adepto fanático das massas, hábito cultivado durante seu exílio

voluntário na Itália nos anos 70. “Nós rimos bastante com o Chico. Ele tem um humor muito particular”, diz Miguel Farias. Certa vez, o compositor foi com os amigos a um restaurante que tinha sido alvo de duríssima crítica de um jornal carioca. Como não se sabia como era a cara do crítico, Chico cochichou ao ouvido do garçom que ele estaria na mesa. Foram bem atendidos por causa da mentira, mas o garçom não parou de lançar olhares ameaçadores ao suposto crítico.

“canção edipiana”. Pode ser entendida — e essa é sua verdadeira vocação — como uma bela dor-de-cotovelo, ao estilo de Lupicínio Rodrigues. Essas três músicas valem o disco. Nas demais, alguns irão procurar metáforas e significados políticos ocultos. Quando isso acontece, é porque a canção não funcionou. A boa música popular é antes de tudo clara. Chico, que é um compositor habilidoso, costuma ser objetivo. Só foi obscuro quando amaldiçoado pela Censura. Em *As Cidades*, chegou lá três vezes. Não se trata de um mau resultado, dada a ruindade da MPB atual. Mas é um placar baixo para seu passado de centroavante goleador.

João Gabriel de Lima

Os amigos do cantor festejam o fato de Chico estar superando a fase difícil sem precisar recorrer à bebida. Nos anos 70, ele vivia no Antonio's, lendário ponto de encontro da esquerda festiva carioca, entornando doses e mais doses de uísque. “Agora o Chico bebe bem menos”, contabiliza Amadeu Resende, maître do Don Camillo e antigo garçom do Antonio's. Hoje, ele é um adepto moderado do vinho e da grappa, uma aguardente italiana. Nos momentos de depressão, em vez de beber, Chico prefere andar pelas ruas do Rio. Vai a pé de seu apartamento, no Jardim Botânico, até a casa da mãe, em Copacabana — os dois bairros são separados por cerca de 10 quilômetros. Um recente motivo de alegria para o compositor foi o nascimento do primeiro neto, batizado com seu nome, fruto da união entre sua filha do meio, Helena, e do compositor baiano Carlinhos Brown. “Quando o casal o visita, ele se ausenta das conversas com os adultos para ficar brincando com o neto”, conta a cantora Miúcha. Helena já está esperando um segundo filho de Brown.

Embora seja um avô coruja, Chico mantém um relacionamento distante com o gênero. Não que haja animosidade entre eles. O fato é que, embora atuem na mesma seara, a da música popular, eles têm personalidades e biografias opostas. A avó de Brown nasceu num quilombo, daqueles de que o pai de Chico, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, gostava de falar em seus livros. Quando Chico resolveu abraçar a música, era

Chico: segundo a família e amigos, muito sofrimento para dar à luz o novo trabalho

estudante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, tradicional reduto da elite acadêmica paulistana. Brown, ao contrário, teve pouca instrução e saiu do anonimato tocando pandeiro em trio elétrico no Carnaval de Salvador. Ele se refere ao sogro, respeitosamente, como "seu Francisco". Os dois nunca foram vistos juntos. Brown não compareceu ao desfile deste ano da escola de samba Mangueira, cujo enredo homenageava o avô de seu filho. Chico também nunca foi visitar as obras sociais do genro no bairro pobre do Candeal, em Salvador. Quando o cantor baiano esteve em Paris durante a Copa do Mundo, hospedou-se num hotel, embora Chico tenha um apartamento na capital francesa.

Avesso a entrevistas no passado, o músico parece estar mudando de comportamento. Ele, que nos anos 70 não gostava de aparecer na TV Globo por considerá-la bajuladora do regime militar, agora dá entrevistas aos jornais da emissora — para a qual, aliás, já apresentou um programa nos anos 80, ao lado de Caetano Veloso. Como diz a música, "quem te viu, quem te vê". Responsável por muitos dos melhores momentos da MPB recente, Chico poderia descansar em berço esplêndido e pendurar as chuteiras. Sua persistência, apesar da crise criativa, é por isso mesmo ainda mais louvável. *As Cidades* pode não ser um grande disco, mas deixa entrever, em algumas faixas, que seu talento não acabou. Os amigos e os fãs de um dos maiores compositores brasileiros das últimas décadas esperam que o novo CD seja o prenúncio de uma fase melhor. ■

Helena e seu filho, Francisco: Chico vai ganhar outro neto



CDA SOUZA



Eliane Coelho, em cena com o tenor Plácido Domingo: agenda tomada até 2001

Música

A diva brasileira

A soprano Eliane Coelho brilha numa das grandes companhias de ópera do mundo

Asoprano carioca Eliane Coelho ocupa um posto privilegiado entre as estrelas líricas da atualidade. Desde 1991 ela integra o pequeno elenco de elite da Ópera de Viena, uma das casas mais importantes do gênero, ao lado do Metropolitan Opera House, de Nova York, e do Covent Garden, de Londres. Antes de Eliane, apenas duas cantoras brasileiras haviam chegado tão longe. Bidu Sayão, que reinou no Metropolitan nos anos 40, e Constantina Araújo, vedete do Alla Scala de Milão na década seguinte. Aos 47 anos, Eliane está no auge. Divide o palco regularmente com os tenores Plácido Domingo e José Carreras, além de ter atuado com Luciano Pavarotti e Roberto Alagna. Regentes como sir Colin Davis, Zubin Mehta e Riccardo Chailly são unânimes em reconhecer os encantos da cantora.

Eliane começou a estudar canto aos 16 anos. De posse de uma pequena he-

rança que recebeu após a morte da mãe, abandonou o curso de arquitetura, fez as malas e foi tentar a carreira lírica na Alemanha, matriculando-se na Escola Superior de Música de Hannover. A consagração só viria no início da década, com o papel de Salomé, personagem-título da ópera de Richard Strauss. O jornal *Die Presse*, que tem o mais importante caderno cultural da capital austríaca, aponta Eliane como o modelo de Salomé deste final de século. A atuação em papéis verdianos também rendeu elogios. Ela foi chamada de "o vulcão brasileiro que canta Verdi". Com a agenda lotada até 2001, ela costuma ter seu sobrenome gritado pelo público em cena aberta. Ao contrário de outras cantoras famosas de ópera, Eliane nada tem de afetada. Nem mesmo se queixa de permanecer praticamente anônima no Brasil, onde quase nunca se apresenta. "Quando aparecem convites, são de última hora e, na maioria das vezes, por cachês que não valem a pena", justifica. ■

Arnaldo Lorençato